



Entre mãos e sentidos: circulação de discursos homofóbicos em sinais da Libras

Between hands and meanings: the circulation of homophobic discourses in Brazilian Sign Language

Carlos Alberto Matias de OLIVEIRA *^{ID}

Paulo Rogério STELLA **^{ID}

RESUMO: Este artigo identifica e analisa os sinais utilizados em Língua Brasileira de Sinais (Libras) para se referir a homens cisgêneros gays e homens cisgêneros heterossexuais, bem como os sentidos reiterados e produzidos por esses sinais. Partindo do pressuposto de que a linguagem atua como um mecanismo que modela as relações sociais e pode legitimar violências, a pesquisa investiga como discursos opressores se materializam em uma língua de modalidade visuoespacial. O aporte teórico filia-se à concepção de linguagem de Bakhtin e o Círculo, compreendendo a palavra — e, por extensão, o sinal — como um signo ideológico carregado de valores sociais. Enquanto recorte metodológico, foram realizadas entrevistas narrativas com 10 membros da comunidade surda de Maceió-AL, incluindo participantes surdos e ouvintes, LGBTQIAPN+ e não-LGBTQIAPN+. A análise procedeu com base nos pressupostos da Análise Dialógica do Discurso (Brait, 2016), com foco nos conceitos de Tema e Significação de Volóchinov (2017) para compreender como os sentidos são gerados e relativamente estabilizados. Como resultado, foram identificados dois sinais para homem-cis-hétero e dois para homem-cis-gay. A análise aponta que os sinais para homem-cis-hétero remetem às noções de reto/direto e homem firme, (re)produzindo um discurso heteronormativo que associa a heterossexualidade a valores de correção, integridade e masculinidade hegemônica. Em contrapartida, um dos sinais mais recorrentes para homem-cis-gay deriva do termo efeminado e emprega uma parâmetro (movimento) que remete à fraqueza, contribuindo para a perpetuação de discursos homofóbicos. Contudo, um segundo sinal para gay, a soletração lexicalizada G-Y, foi apontado pelos participantes gays como uma alternativa não homofóbica, configurando um ato de resistência. Conclui-se que três dos quatro sinais analisados disseminam discursos opressores no e por meio da Libras. Em consequência desse movimento discursivo, são construídos valores que posicionam homens-cis-gays e outras identidades não hegemônicas em lugares de subalternidade social, reforçando a necessidade de uma análise crítica sobre o papel da língua na manutenção de estruturas de poder.

PALAVRAS-CHAVE: Língua. Libras. Sinais. Discursos heteronormativos. Discursos LGBTfóbicos.

* Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Maceió, AL – Brasil. carlos.oliveira@fale.ufal.br

** Doutorado em Estudos da Linguagem (PUC-SP). Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Maceió, AL – Brasil. paulo.stella@fale.ufal.br

ABSTRACT: This article identifies and analyzes the signs used in Brazilian Sign Language (Libras) to refer to cisgender gay men and cisgender heterosexual men, as well as the meanings reiterated and produced by these signs. Based on the assumption that language acts as a mechanism that shapes social relations and can legitimize violence, this research investigates how oppressive discourses materialize in a visual-spatial language. The theoretical framework is grounded in the language conception of Bakhtin and the Circle, understanding the word—and, by extension, the sign—as an ideological sign loaded with social values. As a methodological approach, narrative interviews were conducted with 10 members of the Deaf community in Maceió-AL, including Deaf and hearing participants, both LGBTQIAPN+ and non-LGBTQIAPN+. The analysis was carried out based on the principles of Dialogic Discourse Analysis (Brait, 2016), focusing on Volóchinov's (2017) concepts of Theme and Meaning to understand how meanings are generated and relatively stabilized. As a result, two signs for cis-hetero man and two for cis-gay man were identified. The analysis indicates that the signs for cis-hetero man allude to notions of straight/direct and firm man, (re)producing a heteronormative discourse that associates heterosexuality with values of correctness, integrity, and hegemonic masculinity. In contrast, one of the most recurrent signs for cis-gay man derives from the term effeminate and employs a parameter (movement) that suggests weakness, contributing to the perpetuation of homophobic discourses. However, a second sign for gay, the lexicalized fingerspelling G-Y, was pointed out by gay participants as a non-homophobic alternative, constituting an act of resistance. It is concluded that three of the four signs analyzed disseminate oppressive discourses in and through Libras. As a consequence of this discursive movement, values are constructed that position cis-gay men and other non-hegemonic identities in places of social subalternity, reinforcing the need for a critical analysis of the role of language in the maintenance of power structures.

KEYWORDS: Language. Libras. Signs. Heteronormative discourses. LGBTphobic discourses.

Artigo recebido em: 28.02.2024

Artigo aprovado em: 04.06.2024

1 Introdução

A linguagem atua como fio condutor que baliza e (re)modela as relações sociais em todas as esferas de atividades humanas. É por meio da linguagem que recortamos e enxergamos a realidade, processo que possibilita a nossa construção e constituição no e com o mundo. Desse modo, entender o seu funcionamento configura-se como uma possibilidade de também compreender como as relações entre os sujeitos são estabelecidas. Uma das principais formas de uso da linguagem que organiza a vida em sociedade é o discurso (ou os discursos), visto que estes se configuram como uma possibilidade de uso da linguagem “para designar uma forma de prática social” (Fairclough, 2003, p. 91). O discurso consiste em uma forma de agir no e sobre o

mundo, contribuindo para a constituição “de todas as dimensões da estrutura social” (p.91).

Os discursos moldam as estruturas sociais em todos os níveis, como classe, etnia, gênero etc., ao passo que o próprio discurso também é nutrido e restringido pelas estruturas sociais (Fairclough, 2003), numa relação ininterrupta de retroalimentação de significados. Ao longo do tempo, diversos discursos têm atuado como elementos estruturantes da vida em sociedade, contribuindo para a construção e manutenção de relações assimétricas de poder. Dentre eles, colocamos em relevo neste trabalho os discursos LGBTfóbicos, visto que se têm encarnado na língua e (re)produzido efeitos opressores em todas as esferas sociais.

O Observatório de Mortes Violentas de LGBTQIA+ denunciou em 2024, por meio do dossiê *LGBTIfobia¹ Letal*, cerca de 230 mortes violentas de pessoas LGBTQIAPN+ em 2023, o que equivale a uma morte a cada 38 horas². O Observatório ressalta, no entanto, que esse dado assustador ainda não reflete a realidade, visto que muitos outros homicídios de pessoas LGBTQIA+ são subnotificados, isto é, muitos desses crimes são classificados e registrados pelos órgãos competentes como “crimes comuns e/ou sem viés homofóbico” (Cazelatto; Cardin, 2016, p. 928). As perversas realidades de extermínio das existências daqueles/as que não seguem o padrão imposto pela heteronormatividade compulsória (Butler, 2016) têm sido fortemente promovidas e sustentadas pelas práticas discursivas LGBTfóbicas.

De acordo com Mendes e Ribeiro (2021), uma das principais formas de sedimentação de práticas discursivas discriminatórias e violentas ocorre por meio da nomeação e, conseqüentemente, classificação e significação no mundo. São opressões concretizadas nas e por meio do uso de palavras com teor pejorativo que buscam

¹ Ressaltamos que mantivemos o modo como a sigla está escrita no dossiê.

² Disponível em: https://observatoriomorteseviolenciaslgbtbrasil.org/doacao/ong-lgbt/?gad_source=1&gad_campaignid=17484404540&gbraid=0AAAAAoo2tmOijseOUgCi07YyunQcEcnfW&gclid=Cj0KCQjwhO3DBhDkARIsANxrHtQ_jbsZBIR87BvL5QJDaQy2SQ3nsunkYNuFNSGsoXBPAk1IZ9s-BsaAnckEALw_wcB.

ofender o outro, como **bicha**, **viado** etc. Essas nomeações têm por mote a categorização e representação social da homossexualidade como um grupo composto por pessoas consideradas anormais, desviantes e errantes. São “formas de expressar violência” (Mendes, Ribeiro, 2021, p. 251) que fomentam processos de subalternização. As práticas opressoras de nomeação-discursivização-significação³ vêm sendo utilizadas sócio-historicamente por meio das mais variadas formas de materialidades possibilitadas pela linguagem, como a escrita, as imagens, as línguas vocalizadas e também as línguas de sinais.

Considerando que, em língua portuguesa, são utilizadas palavras com conotação negativa e opressora para designar homens-cis-gays (Borrillo, 2009), (re)produzindo e sustentando práticas discursivas e estruturas sociais homofóbicas, levantamos os seguintes questionamentos: quais sinais (ou palavras) têm sido utilizados na Língua Brasileira de Sinais (doravante Libras) para designar homens-cis-gays? Quais são também os sinais em Libras utilizados para denominar a categoria socialmente construída como seu oposto, o homem-cis-hétero? Esses sinais dialogam de algum modo? Quais são os discursos e as relações de sentidos (re)produzidos nos e por meio dos sinais identificados? De modo a responder às questões aventadas, traçamos os seguintes objetivos: 1) investigar quais sinais em Libras são utilizados para designar homens-cis gays e homens-cis-heteros e 2) identificar os discursos e relações de sentidos (re)produzidos nos e por meio dos sinais identificados.

Importa ressaltar que compreendemos a relevância de uma investigação mais ampla que abranja os sinais utilizados para se referir aos demais integrantes do grupo

³ Compreendendo aqui que o ato de nomear implica também em processos de discursivização e, consequentemente, de significar o mundo.

⁴ De acordo com o site Transfeminismo, uma pessoa cis “é uma pessoa na qual o sexo designado ao nascer + sentimento interno/subjetivo de sexo + gênero designado ao nascer + sentimento interno/subjetivo de gênero, estão “alinhados” ou “deste mesmo lado”. Disponível em: <https://transfeminismo.com/o-que-e-cissexismo/>.

LGBTQIAPN+. Contudo, para fins de adequação ao gênero artigo científico⁵, este trabalho focalizará apenas os sinais acerca de homens-cis-gays e homens-cis-héteros. Justificamos, ainda, que o fato desta pesquisa se voltar para a Libras como materialidade de análise, dá-se em razão da recente consolidação dessa língua visuoespacial enquanto campo epistemológico (Santos *et al.*, 2021; Oliveira *et al.*, 2021).

Assim, de modo a alcançar os objetivos propostos, organizamos este artigo em seis seções, além desta introdução. A primeira seção, intitulada *A pesquisa qualitativa nos estudos do discurso*, delineia os percursos seguidos na execução deste trabalho. A segunda seção, *Sinal-Palavra: da significação ao tema, do tema a significação*, apresenta o conceito de palavra segundo Bakhtin e o Círculo (Bakhtin, 2016; Volóchinov, 2017, 2019) e suas relações entre língua e vida. Em sequência, a terceira seção intitulada *Sinais-Palavras: correntes de discursos e relações de sentidos* apresenta e analisa os sinais identificados para se referir e construir homens-cis-gays e homens-cis-héteros. A quinta seção, *Movimentos Responsivos e Discursos de Retorno*, aponta os movimentos em resposta e retorno aos investimentos cruéis de opressão por meio da linguagem. A última seção faz algumas *Considerações não-finais* e, por último, apresentamos as referências utilizadas.

2 Sinais e a pesquisa qualitativa

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, pois se “aprofunda no mundo dos significados” (Minayo *et al.*, 2016, p. 21). Diferentemente das abordagens de cunho positivistas, que buscam instrumentos padronizados e pretensamente neutros, a investigação qualitativa reconhece a indissociabilidade entre o ato de pesquisar e o lugar responsivo de todos os envolvidos, assumindo a ciência como um fazer eminentemente ideológico, subjetivo e político (Serodio; Prado, 2015).

⁵ Aproveitamos para registrar que já se encontra em andamento uma pesquisa macro que tem por mote a identificação dos sinais em Libras relativos a outras pessoas integrantes do grupo LGBTQIAPN+. Os resultados de tal investigação serão publicados em trabalhos posteriores.

Desse modo, posicionados no campo da abordagem qualitativa, utilizamos como instrumentos de operacionalização **entrevistas narrativas**. Isso fazemos, alinhando-nos à compreensão de que esse tipo de instrumento permite aos participantes da pesquisa se “expressar mais livremente e as perguntas, quando são feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões, sem uma estrutura previamente formada, ao tempo que também nos permitirá reter vários aspectos do universo pesquisado” (Minayo, 2016, p. 63).

As entrevistas foram realizadas com 10 (dez) membros da comunidade surda da cidade de Maceió-AL, englobando tanto pessoas surdas quanto pessoas ouvintes fluentes em Libras, abrangendo também aqueles que se identificam como parte do espectro LGBTQIAPN+ e também aqueles que não pertencem diretamente a ele. As entrevistas foram realizadas em Libras e gravadas por meio do uso de câmeras⁶, em razão da modalidade linguística dessa língua ser de natureza visuoespacial. Apresentamos a seguir um quadro com o perfil dos/as participantes, cujos nomes foram alterados para garantir o anonimato.

Quadro 1 – Perfil dos participantes da pesquisa.

	Nome	Identidade de Gênero e Orientação Sexual	Pessoa Surda ou Ouvinte	Idade	Duração média das entrevistas	Escolaridade
1	Carlos	Homem-Cis-Gay	Surda	28	30 minutos	Superior Completo
2	Júlia	Mulher-Cis-Bissexual	Surda	30	30 minutos	Superior Incompleto
3	Jaqueline	Mulher-Cis-Lésbica	Surda	39	30 minutos	Superior Completo
4	Maria	Mulher-Cis-Lésbica	Ouvinte	35	30 minutos	Superior Completo
5	Denise	Mulher-Cis-Hétera	Surda	25	30 minutos	Superior Incompleto

⁶ Destacamos que esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética, apreciada e aprovada sob o parecer CAAE 18468619.0.0000.5013.

6	Lucas	Homem-Cis-Gay	Surda	28	30 minutos	Superior Completo
7	Douglas	Homem-Cis-Hétero	Ouvinte	27	30 minutos	Superior Completo
8	João	Homem-Cis-Hétero	Surda	30	30 minutos	Superior Completo
9	Bernardo	Homem-Cis-Hétero	Surdo	43	30 minutos	Superior Completo
10	Antônia	Mulher-Cis-Hétera	Surda	25	30 minutos	Superior Completo

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

Com base nos dados gerados nas entrevistas, foi possível identificar 4 sinais, sendo 2 para se referir a homens-cis-gays e 2 homens-cis-héteros. Esses resultados serão discutidos com maior detalhamento na seção *Sinais-Palavras: correntes de discursos e relações de sentidos*. Ressaltamos que os sinais produzidos durante as entrevistas foram registrados pelos pesquisadores e, com o objetivo de preservar a identidade dos participantes, são apresentados por duas pessoas voluntárias. Para a análise das materialidades encontradas, procedemos com os pressupostos da Análise Dialógica do Discurso (Brait, 2016), que toma por tropo os fundamentos teóricos da Bakhtin e o Círculo (Volóchinov, 2017; Bakhtin, 2016), com ênfase nos conceitos de Palavra, Tema e Significação.

3 Da significação ao tema, do tema à significação: sinal-palavra

O primeiro conceito mobilizado nesta pesquisa para compreensão dos dados aqui analisados é a noção de **palavra** de Volóchinov (2017), compreendida como o material, ou fenômeno ideológico por excelência. Segundo ele, é no material da palavra que se pode explicar, “do melhor modo possível, as principais formas ideológicas da comunicação sónica” (p. 99). Dessa forma, o autor aponta que um valioso modo de entender as relações sociais é por meio da análise das formas linguísticas utilizadas por uma dada comunidade de fala. Na forma da palavra, podemos ter acesso aos “círculos de respostas e ressonâncias verbais” (Volóchinov, 2017, p. 104) que circulam

e orientam as relações por e entre os sujeitos. Esse entendimento é fulcral para este trabalho, pois tomamos os sinais da Libras não como meras articulações motoras, mas como palavras, ou seja, signos ideológicos produtores de sentidos.

Investigar os sinais da Libras enseja o acesso aos efeitos por eles produzidos na vida de seus falantes situados no espaço e no tempo, não podendo, portanto, “isolar a ideologia da realidade material do signo” (*ibidem*, p. 104). As formas da língua, neste caso os sinais, atuam como sensíveis indicadores das transformações e oscilações do meio social, reagindo a essas nuances por meio de alterações, seja em sua própria forma e/ou em seu conteúdo. Volóchinov (2017, p. 104) salienta que as “formas de interação discursiva estão estreitamente ligadas às condições de dada situação social concreta”. O modo como estão/são formados os sinais refletem a dinâmica das relações em sociedade, dado que “as formas do signo são condicionadas, antes de tudo, tanto pela organização social desses indivíduos quanto pelas condições mais próximas de sua interação” (*ibidem*, p. 109).

As compreensões postuladas por Volóchinov (2017) oferecem contribuições importantes para compreender as relações assimétricas de poder, tanto históricas quanto contemporâneas. A investigação das formas dos signos ideológicos, sejam eles verbais ou verbo-visuais, como no caso da Libras, possibilita evidenciar as práticas discursivas e sociais que sorrateiramente (ou não) oprimem grupos subalternizados, visto que o signo ideológico é “determinado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social” (p. 110). Os sentidos não existem fora da encarnação sígnica; é apenas na materialidade do signo, na palavra (no sinal), nesse “indicador mais sensível das mudanças sociais” (p. 106) que podemos compreender as relações entre discurso interior e contexto social.

Para Volóchinov (2017), duas dimensões são utilizadas e instauradas no uso das palavras enquanto ato enunciativo em um dado contexto: o tema e a significação. O autor define o tema como “a totalidade do sentido, a situação concreta histórica que gerou o enunciado” (p. 227). Para ele, todo enunciado é constituído pelo tema, sendo

este único, não repetível, irreiterável, e a cada novo ato enunciativo são produzidos novos sentidos, uma vez que as interações, os sujeitos, o espaço e o tempo serão sempre outros. Nessa direção, o tema é compreendido como um todo indivisível. Isto é, ele é “definido não apenas pelas formas linguísticas que o constituem - palavras, estruturas morfológicas, sintáticas e fonológicas, além das tonalidades entoativas, mas também pelos aspectos extraverbais da situação” (p. 227). Esses elementos extraverbais citados “integram a situação de produção, circulação e recepção dos enunciados” (Brait, 2016, p. 202).

Contudo, o tema não existe isoladamente, mas apoia-se em “alguma significação estável, caso contrário ele perderá sua conexão com aquilo que veio antes e que veio depois, ou seja, perderá totalmente o seu sentido” (Volóchinov, p. 229). Os elementos do enunciado que, diferentemente do tema, são repetíveis, reiterados, “idênticos a si mesmos em todas as ocorrências” (p. 229), o relativamente estável, é o que Volóchinov (2017) define como **significação**. O autor delinea a significação como um estágio inferior da capacidade de significar, remete aos níveis sintáticos, morfológicos e fonológicos. São os significados convencionados e relativamente estabilizados nas palavras no transcorrer do tempo e do espaço.

É crucial destacar a relação indissociável entre esses dois níveis: a significação está contida no tema, sendo impossível conceber um sem o outro, pois todo enunciado necessita de elementos estáveis para se concretizar. Da mesma forma, não é possível conceber significação sem tema, pois “não é possível mostrar a significação de alguma palavra isolada sem torná-la um elemento do tema, isto é, sem construir um enunciado” (Volóchinov, 2017. p. 229). Um mesmo enunciado sempre sofrerá alterações no tema ao ser produzido em contextos distintos, tanto em razão de deslocamentos geográficos, quanto de deslocamentos temporais. Todavia, os mesmos elementos da significação poderão ser sempre recuperados, reiterados e repetidos mesmo em diferentes contextos.

Cabe salientar que, embora a relativa homogeneidade seja constitutiva do nível da significação, preservando e dando continuidade aos significados estabilizados, ela é construída e constituída pelas tensões e embates sociais. Os constantes movimentos de conflitos ideológicos, de resistência e de hegemonia podem provocar mudanças tanto na forma da palavra quanto no nível da sua significação. De acordo com Volóchinov (2017), a palavra configura-se como uma arena de disputas ideológicas. São os sentidos produzidos no nível do tema, dimensão constituída pelos mais diversos contextos de interação social, que têm a capacidade de causar alterações no nível da significação. É no exterior que se encontra o centro organizador dos significados estabilizados na significação, isto é, o centro se encontra “no meio social que circunda o indivíduo” (p. 216). À medida que os sentidos são produzidos no nível do tema, nas interações entre os sujeitos, eles passam por circuitos de avaliação, respostas, confrontos e refutação. A partir disso, os significados estabilizados vão sofrendo pequenas e lentas modificações em decorrência dessas interações e transformações sociais.

No transcorrer do eixo do tempo, os significados estabilizados vão sendo naturalizados e como que automaticamente atribuídos a determinadas palavras, e as palavras, em contrapartida, vão também sendo designadas a certos significados. Daí decorre a produção e publicação de dicionários, materiais que compilam e padronizam, em um determinado recorte espaço-temporal, os significados que foram ao longo de algum tempo, em determinadas sociedades, relativamente estabilizados no interior das palavras, isto é, no nível da significação. Cabe ressaltar que esse movimento é importante para o estabelecimento de interações e compreensão entre os falantes de uma dada língua. Pois, se não houvesse alguma estabilidade de significados das coisas no mundo, isso impediria que as pessoas se comunicassem e se compreendessem. De acordo com Bakhtin (2016, p. 41), essa relativa estabilidade é “indispensável para a compreensão mútua quanto às formas da língua”.

Desse modo, ao enunciarmos palavras num dado contexto, recuperamos as significações nelas estabilizadas, ao mesmo tempo que acrescentamos camadas valorativas e responsivas, produzindo, como resultado, novos e outros sentidos, isto é, novos temas. Por fim, é nodal ainda entender que apenas o ato individual de fala, o ato singular enunciativo, não tem força para apagar ou esvaziar nas palavras os significados estabilizados sócio-historicamente no nível da significação. Como já mencionado, é apenas na dimensão do coletivo e dos seus embates sociais que o nível da significação pode ser transformado. Os sentidos produzidos nas e por meio dos sinais não resultam de leituras individuais, mas das leituras de indivíduos inseridos e situados sócio-historicamente (Volóchinov, 2017, p. 178). Segundo Medviédev (2019, p. 49) “o homem individual e isolado não cria ideologia”. Assim, é apenas na complexa e multifacetada cadeia de interação discursiva, realizada sempre entre o eu e o(s) outro(s), que os sentidos são gerados, polemizados, disseminados, aceitos ou negados, carregando nessa dinâmica os acentos e os valores dos seres sociais, que posteriormente poderão com o tempo adquirem certa estabilização, sendo suprimidos, substituídos ou alterados no nível da significação.

4 Sinais-Palavras e a produção de sentidos

De acordo com Guimarães (2004, p. 38), “para entender como funcionam as engrenagens das estruturas de poder, é necessário inverter a direção da análise e partir dos mecanismos positivos produtores geradores de poder”. Com base nesse entendimento, iniciamos esta análise a partir dos sinais utilizados para designar o grupo homossexual que atualmente ocupa os lugares de domínio, isto é, o do homem-cis-hétero. Nos dados gerados e coletados pelas entrevistas narrativas realizadas, todos os 10 participantes apontaram 2 sinais para se referir ao homem-cis-hétero. O primeiro sinal (figura 01) é realizado com a configuração da mão em B, tendo como

ponto de articulação o espaço em frente ao rosto, com orientação da mão para o lado contralateral e com movimento de trajetória retilíneo⁷.

Figura 1 - Sinal em Libras de Homem-Cis-Heterossexual I.



Fonte: elaborada pelos autores (2025).

Os 10 participantes informaram que este é o mesmo sinal utilizado em Libras para os termos **Direto** e **Reto**. Para melhor compreendermos quais são os significados relativamente estabilizados no nível da significação das palavras *direto* e *reto*, recorreremos às suas definições em dois dicionários: o Michaelis⁸ e o Priberam⁹. De acordo com eles, a palavra **direto** denota: aquele que está em linha reta; direito; reto; sem desvio de rumo; cuja direção é reta. No que concerne ao termo **reto**, os dicionários mencionados também o situam no campo semântico da palavra *direto*, denotando: sem desvios; sem curvatura; que vai de um ponto a outro sem desvio; em linha reta; sincero; verdadeiro; que segue ou está conforme a justiça e a imparcialidade. Os mesmos dicionários ainda apresentam alguns valores associados às palavras **direto** e **reto**, como: a pessoa que está de acordo com a justiça e a retidão, que é íntegra, digna e honesta (por exemplo: João é um homem reto).

No sinal em tela, observa-se a circulação e (re)produção de um discurso extremamente nocivo e estruturante das relações sociais no decurso do tempo, o discurso **heteronormativo**. O termo heteronormatividade foi criado pelo teórico social

⁷ Para melhor entender os parâmetros da Libras, como configuração de mão, ponto de articulação, orientação e movimento, conferir os trabalhos de Marentette (1995), Karnopp (1999) e Quadros (2019).

⁸ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/direto>.

⁹ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/direto>.

Michael Warner em 1960 para designar o sistema de ideias e de usos da linguagem que colocam a heterossexualidade como padrão, como a norma (Costa, 2012). Esse discurso opera essencialmente de duas maneiras, a primeira delas é por meio da supervalorização de pessoas heterossexuais, situando-as em lugares socialmente valorizados e considerando a heterossexualidade como a única possibilidade aceita e correta de vivência sexual. A segunda se dá pelo movimento oposto, isto é, circunscreve a não-heterossexualidade em lugares subalternos, classificando seus sujeitos como perversos e anormais.

No que concerne à primeira forma de atuação do discurso heteronormativo, um dos seus modos de agir incide na utilização de palavras que engendram processos de nomeação e categorização (Reis *et al.*, 2017). De acordo com as definições apresentadas nos dicionários, há uma recorrência notável de significados estabilizados (no nível da significação) com teor positivo nas palavras reto e direto, construindo centros de valores apreciados e aceitos socialmente. Quando associadas às pessoas, as palavras reto e direto situam os sujeitos em lugares sócio-historicamente estimados, considerando-os como pessoas corretas, que trilham um caminho decente e aceitável; pessoas íntegras, de bom caráter e que seguem bons valores.

Butler (1987) observa que a **repetição estilizada** é um dos mecanismos utilizados para naturalizar, normatizar e determinar os gêneros, seus comportamentos e seus papéis. É uma estratégia linguística que faz uso frequente de palavras com significados apreciados para se referir e definir as relações heterossexuais e seus sujeitos. São mecanismos que promovem determinismos e prognósticos da heterossexualidade nas sociedades. Ao fazer isso, a heterossexualidade adquire um caráter compulsório (Butler, 2015), estabelecendo-se como única possibilidade natural, admitida e respeitada, é “parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa” (*ibidem*, p. 153).

Julgamos construtivo mencionar que essa relação de significados entre reto-direto e pessoa hétera não ocorre apenas em Libras. No inglês, um dos

correspondentes à palavra hétero é *straight*, que também significa reto e direito. Não iremos nos ater neste trabalho aos processos que constituem esse termo em inglês, mas consideramos relevante citá-lo aqui para melhor elucidar que relações entre **palavras x significados x discursos** fazem parte do funcionamento da língua, seja esta vocalizada ou sinalizada. Cabe ressaltar, ainda mais, que essa relação é sobretudo social. As aproximações, associações e/ou relações semânticas estabelecidas entre as palavras reto-direto-direito (esta última no caso do inglês) não ocorrem aleatoriamente. Mas são resultantes de processos sócio-político-ideologicamente orientados, pois “toda palavra é ideológica” (Volóchinov, 2017, p. 217).

Dessa maneira, ao utilizar o mesmo sinal de reto e direito para hétero, não nos deparamos apenas com o apontamento de uma orientação sexual, mas, sobretudo, com processos de imposição e manutenção da heteronormatividade. O sinal mobiliza valores positivos que tencionam construir pessoas heterossexuais como corretas, decentes, íntegras e que seguem um caminho considerado aceitável. Cabe lembrar que é por meio da linguagem e das relações entre os falantes que são construídos os valores sociais, representacionais e individuais que vão definir tanto a forma como o conteúdo dos sinais (Bakhtin, 2011, p. 289). A repetição e reiteração de palavras (e sinais) consideradas positivas integram os mecanismos utilizados pela heteronormatividade “para dar o efeito de substância, de natural e inquestionável” (Caetano, 2011, p. 172).

Passemos agora para a segunda forma de atuação do discurso heteronormativo, a força de negar a não-heterossexualidade por meio da imposição da heterossexualidade. Se por um lado o discurso heteronormativo situa pessoas heterossexuais em lugares privilegiados, por outro, ele desloca aqueles que não se enquadram em seus moldes para lugares de opressão. O jogo discursivo de nomear e classificar a heterossexualidade como correta e normal, inválida, em contrapartida, todas as demais formas de expressão e vivência da sexualidade (Oliveira, 2017). Na vida cotidiana, nossos enunciados inserem-se em correntes de discursos que vieram antes e fomentam discursos por vir (Bakhtin, 2011). No caso deste sinal, percebe-se o

estabelecimento de elos (contra)discursivos que sentenciam pessoas não-heterossexuais à repressão e preconceito, uma vez que passam a ser compreendidas a partir de palavras antônimas às aquelas utilizadas para construir a heterossexualidade. Como exemplo, temos: desviantes, errantes, não-naturais, perversos, entre outros correlatos.

Dessa forma, as pessoas não-heterossexuais são fabricadas como anormais, e, em decorrência disso, são colocadas em lugares inferiores, subalternos e marginalizados (Oliveira, 2017). Esse é um processo pertencente à lógica dominante do discurso heteronormativo, que por meio das relações inter-contradiscursivas tentam apagar todas as outras possibilidades de viver a sexualidade humana. Foucault (1998) nos lembra que são por meio dos e nos discursos que os sujeitos passam a ser pensados, construídos e constituídos.

Desse modo, ao utilizar o mesmo sinal de **reto** e **direto** para se referir a homens-cis-héteros, este sinal reforça e dá continuidade aos discursos marginalizantes que colocam a heteronormatividade como o padrão. Como afirma Volóchinov (2017, p. 93), “onde há signo há também ideologia”. Assim, consideramos que este primeiro sinal utilizado para designar pessoas héteras é ideologicamente orientado, visto que ele privilegia o lugar da heterossexualidade ao considerar o homem-cis-hétero como aquele que está na linha e/ou na direção correta, no caminho da retidão. O movimento de trajetória retilíneo na realização do sinal constrói o homem-cis-hétero como aquele que segue em linha reta, permanece num só caminho, numa única rota (imposta). Ademais, em contrapartida, os contradiscursos intrínsecos a esse sinal refratam sentidos que alocam aqueles que transgridem com o padrão heteronormativo como desviantes, irregulares e errados.

Este sinal integra sistemas de micropoderes e contribui para a sustentação de regimes de verdade que colocam a não-heterossexualidade como antinatural e prejudicial. O discurso heteronormativo pauta-se numa reduzida e equivocada ótica binária acerca das sexualidades e identidades de gênero, padronizando, regulando e

prescrevendo o modo como as pessoas devem ser no mundo (Reis *et al.*, 2017). Como resultado, são promovidos processos de reprodução e manutenção de práticas opressoras que designam pessoas não-heterossexuais como “fora da norma, bizarras e estranhas” (Borrillo, 2009. p. 15).

O segundo sinal em Libras para se referir a homens-cis-héteros também aponta para discursos heteronormativos e homofóbicos, como apresentado na figura 02.

Este segundo sinal em Libras decorre de um processo composicional, especificamente da subcategoria **justaposição**, ao ser formado pelos sinais de **HOMEM** + **FIRME**. O processo de justaposição ocorre quando duas palavras já existentes no léxico de uma dada língua se justapõem para (re)criar **novas** palavras e/ou **novos** significados, como guarda-chuva, cachorro-quente, segunda-feira etc. Importa destacar precipuamente, que os processos composicionais, sejam por meio de justaposição ou aglutinação¹⁰, não perdem necessariamente relações com as palavras e significados de onde partiram. Isto é, as novas palavras e novos significados ainda preservam relações semântico-discursivas com as palavras e os significados das/dos quais foram derivadas/os.

Figura 2 - Sinal de Homem-Cis-Heterossexual II.



Fonte: elaborada pelos autores (2025).

¹⁰ A aglutinação ocorre quando duas palavras ou mais (ou até mesmo seus elementos) se unem, se ligam, para formar *novas* palavras e/ou *novos* significados, como: Planalto (plano + alto), Aguardente (água + ardente), Boquiaberto (boca + aberta) (Seixas, Silva, 1999).

As palavras e os significados que geram as chamadas novas palavras e novos significados são as bases destas/es, são seus fundamentos, e com eles/as ainda dialogam. Essas relações podem ser mantidas por meio da descrição dos objetos daquilo a que se referem, como lava-louças, papel-alumínio, entre outras. Ou mediante relações feitas por associações de sentido figurado, como louva-a-deus e arranha-céu. As relações existentes entre as informações de certas palavras não ocorrem de forma despreziosa, mas partem de um lugar e dirigem-se a outro, elas são “suscitadas por alguma coisa, tem algum objetivo” (Bakhtin, 2011, p. 288).

Quando formamos ou selecionamos uma palavra, essas escolhas são caracterizadas, antes de tudo, “pelo conteúdo semântico-objetual” (Bakhtin, 2011, p. 289). As escolhas dos elementos que compõem os sinais são determinadas, primeiramente, “pelas tarefas (pela ideia) do sujeito do discurso (ou autor) centradas no objeto e no sentido” (ibidem, p. 289). Ou seja, são as relações valorativas dos falantes, os modos como eles constroem a realidade e se constituem no mundo, que determinam suas escolhas lexicais e gramaticais.

As composições, associações e aglutinações dos sinais não ocorrem de forma aleatória, elas jamais podem ser consideradas como uma “combinação absolutamente livre” (Bakhtin, 2016, p. 42). Desse modo, este segundo sinal (figura 02) também atua na (re)produção do discurso da heteronormatividade, por meio, primeiramente, da marcação do sinal de homem. Esta marcação não é esvaziada de intencionalidade, mas responde a endereços ideológicos. Essa estratégia de marcação do masculino na linguagem como forma de dominação e reafirmação já é uma prática corrente nas línguas orais. Segundo Severo (2013), os lugares sociais de poder possuem significativa força no comportamento linguístico. Gramsci (2002), observa que os grupos hegemônicos possuem mais poder para instaurar suas ideologias e seus domínios, sendo a linguagem um dos principais meios utilizados para concretizar seus interesses.

Butler ([1990] 2015) também advoga que as sociedades cis-hetero-machistas-patriarcais tentam construir e deixar marcas na linguagem de cunho sexista, masculinista e falocêntrica. As palavras **humano** e **humanidade**¹¹ são exemplos da marcação do masculino na língua, utilizadas como significados universais para abranger homens, mulheres e pessoas não-binárias. São tentativas (muitas vezes bem-sucedidas) na e por meio da língua de reafirmar a superioridade e naturalidade do masculino, do homem. De acordo com Boenavides (2019, p. 04), “a dominação masculina é exercida de forma simbólica, invisível, através das vias da comunicação e do conhecimento”. No entanto, é importante atentarmos que não é qualquer homem, mas o homem-cis-hétero.

Este aspecto é identificado em outro dado que evidencia o discurso da heteronormatividade no sinal da figura 02: a adição do sinal de **firme**. Guimarães (2004, p. 44) registra que ao longo da história, termos como “dominância, poder, agressividade, invulnerabilidade etc.” têm sido associados à figura do homem-cis-hétero como forma de reforçar e manter o lugar privilegiado e dominante da heteronormatividade. Carneiro (2017, p. 252) observa que “representações sociais de virilidade, à força e ao vigor físico” têm sido associadas ao homem (cis-hétero). Ainda nessa direção, De Jesus (2018, p. 26) ressalta que adjetivos como “agressivo, forte, ativo, seguro” são recorrentemente atribuídos a homens-cis-héteros. São jogos discursivos que visam legitimar e naturalizar o cis-hétero-patriarcado, garantindo assim a “posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres” (*ibidem*, 28) e de todas as outras formas de existências.

Assim, o uso do signo **firme** alinha este sinal em Libras aos discursos em torno da heteronormatividade, construindo a figura do homem-cis hétero como **o homem de verdade, aquele que não cede**. Ademais, ao fazer a marcação do sinal de homem

¹¹ Segundo o Dicionário Michaelis, são palavras cujas etimologias são, respectivamente: i) 1 Relativo à natureza do homem; humanal. 2 Constituído por homens; ii) 1 Totalidade das características peculiares à natureza humana. 2 Conjunto dos seres humanos.

no sinal composicional, seu contradiscurso aponta que homens não-heterossexuais e não-cis não podem ser considerados homens. Nascimento (2019, p. 29) atenta que “é na língua que a negação passa a primeiro existir”. Dessa maneira, ao ser adicionado o sinal de **firme**, sugere-se que caso o homem não-cis e não-heterossexual integre a categoria homem, este não seria um homem firme, um homem de verdade. Seria um homem entre muitas aspas, isto é, aquele que **cedeu**, um homem **mole**, **fraco**, os antônimos dos termos utilizados para qualificar o homem-cis-hétero. Em oposição a uma “conduta masculinizante, forte, brava, e destemida”, o homem não-cis e não-hétero, apresentaria uma orientação sexual “decaída” (Mendes; Ribeiro, 2021, p. 257), fraca, não-masculina. Seriam pessoas que não seguem o roteiro pré-estabelecido socialmente do que deve ser um homem, que não apresentam as características **típicas** de um homem. Lembremos que as palavras integram uma rede de fios ideológicos, servindo a diversos interesses sociais (Volóchinov, 2017).

Mais uma vez, a não-heterossexualidade é colocada em parâmetros subalternos, ao considerar o homem não-cis e não-hétero nem mesmo um homem. As articulações dos discursos LGBTfóbicos e heteronormativos reputam os homens não-cis e não-hétero como desprovidos da normalidade, considerada própria da masculinidade e derivada, segundo esse discurso, da heterossexualidade. De acordo com Borrillo (2009, p. 17), nos dicionários de sinônimos “a palavra heterossexualidade nem sequer aparece, por outro lado, androgamia, androfilia, homofilia, inversão, pederastia, pedofilia, safismo e tribadismo são propostos como equivalentes ao termo homossexualidade”.

Enquanto os dois sinais identificados em Libras para homem-cis-hétero (re)produzem sentidos positivos, (re)construindo a heterossexualidade como o modelo ideal, normal e aceitável, um dos sinais identificado em Libras para homem-cis-gay envereda por um caminho totalmente oposto. Nesse sentido, apresentamos a seguir este sinal na figura 3.

Figura 3 – Sinal de Gay em Libras I.



Fonte: elaborada pelos autores (2025).

Este sinal foi informado por todos os 10 participantes como um dos correspondentes a homem-cis-gay. Tal sinal) é realizado com a configuração de mão em E, orientação da mão para frente, ponto de articulação ao lado do tronco e com movimento transversal semicircular. Importa destacar que ao realizar este sinal, 3 dos entrevistados – Denise (pessoa surda; mulher-cis-hétera; 25 anos) João (pessoa surda; homem-cis-hétero; 30 anos) e Bernardo (pessoa surda; homem-cis-hétero; 43 anos) – também apresentaram movimento de declínio de ombro no mesmo braço utilizado para a referida produção linguística.

Ademais, 6 entrevistados (Carlos, Júlia, Maria, Denise, Lucas e Douglas), afirmaram que a configuração da mão em E decorre de um empréstimo linguístico¹² do alfabeto da língua portuguesa como um dos correspondentes da palavra **Efeminado**¹³. Outrossim, dos 10 participantes, 2 relataram que o sinal também faz referência a palavra **Entendidos**, termo utilizado na década de 1960 para se referir a homossexuais. E dois participantes, João e Antonia, relataram não saber a motivação semântica do sinal.

Diferentemente dos dois sinais utilizados para homem-cis-hétero, não foi identificado no sinal para homem-cis-gay orientações semântico-discursivas

¹² Esse processo de uso da configuração de mão realizando um empréstimo de alguma letra do alfabeto escrito da língua portuguesa é comum em Libras (cf. Nascimento, 2012).

¹³ Variação do termo afeminado.

qualificadas como positivas. Isso pode ser percebido nas duas informações dadas pelos participantes. No primeiro caso, o uso da configuração de mão em E, fazendo referência ao termo efeminado, responde ao discurso homofóbico imbricado no discurso heteronormativo identificado nos dois sinais para homem-cis-hétero. O termo **efeminado** faz parte dos termos utilizados pelos discursos da homofobia para inferiorizar e desclassificar homossexuais (Guimarães, 2004).

De acordo com Guimarães (2004, p. 57), a palavra efeminado corresponde a “forma caricatural do gênero feminino” atribuída a homens-cis-gay. De acordo com a autora, esse processo corresponde a uma “lógica cruzada e invertida de construção” (ibidem, p. 44). Segundo ela, os componentes, as características que são atribuídas a categoria sexual homossexual masculino são emprestadas da categoria sexual feminina, como efeminado/afeminado, delicada/o, fresca/o etc. Contudo, quando tais características são atribuídas a corpos lidos socialmente como cis-masculinos, estes corpos são considerados como “anômalos e negativamente sancionados” (ibidem, p. 45).

Segundo Borrillo (2009, p. 17), uma série de vocábulos têm sido utilizados para designar homossexuais do sexo masculino, como “viado, gay, pederasta, bicha-loca, afeminado, maricon, invertido, gilete etc”. Destarte, a categoria da homossexualidade vai/vem sendo (re)construída e (re)constituída em moldes negativos de identidades sociosexuais, “como um domínio da sexualidade tida como anormal” (Guimarães, 2004, p. 39). Essa dinâmica opressora de estruturação e subalternização social dão origem, estimulam e sustentam preconceitos e violências.

Cabe ainda colocar em relevo os movimentos produzidos pelo sinal de homem-cis-gay. Segundo os entrevistados, o movimento transversal semicircular da mão e o movimento de declínio do ombro (este último em alguns casos) apontam para o que em língua portuguesa conhecemos como **mão-quebrada**, **mão-mole** e até mesmo fazendo referência à expressão **rodar a bolsinha**. No que concerne às expressões **mão-quebrada** e **mão-mole**, estas apresentam direcionamentos tanto homofóbicos quanto

heteronormativos. Isso ocorre ao fabricar a imagem do homossexual como uma pessoa defeituosa, quebrada, que cedeu, respondendo assim aos discursos do segundo sinal para homem-cis-hétero (figura 02), que colocam este último como um homem firme, não-quebrado, sem defeitos. Ademais, a referência a **mão mole** também recupera o que Guimarães (2004) afirmou acerca da atribuição de características sócio-historicamente dadas a mulher-cis-hétera ao homem-cis-gay, como delicada, frágil, mole.

Quanto ao movimento desse sinal, há um encadeamento discursivo que constrói relações entre pessoas homossexuais com a prostituição, lugar lido socialmente como promíscuo, indecente, vergonhoso, imoral, pervertido e tantos outros correlatos que se opõe aos adjetivos positivos mobilizados pelo discurso heteronormativo para designar o homem-cis-hétero. Desse modo, o sinal de homem-cis-gay, em suma, tanto em relação a configuração de mão quanto ao movimento em sua realização, responde aos discursos (re)produzidos pelos sinais de hétero ao construir a imagem do homem-cis-gay como um não-homem, afinal não há neste caso a marcação do sinal de homem.

Ressalte-se que também há a construção do homem-cis-gay como o **feminino negativo** (Guimarães, 2004), ao atribuir ao feminino (restrito a mulher-cis) traços como: frágil, fraco, delicado. São discursos de viés colonizador que têm se encarnado na Libras e (re)produzido sentidos opressores, atuando, consequentemente, na manutenção das relações de dominação nessa língua visuoespacial. Importa recuperar que são as relações entre os falantes que constroem, reafirmam e disseminam os valores sociais que definem os sentidos e as significações dos sinais para si e para o outro (Bakhtin, 2011, p. 289). A criação e escolha do conteúdo e da forma de um sinal implica em agir no e sobre o mundo. O sentido produzido por um sinal (e por uma palavra) “se funde e se imbrica com a ação e adquire o poder de uma ação” (Bubnova, 2011, p. 273).

Quanto ao segundo dado fornecido, relatado por 2 participantes, Jaqueline (39 anos; pessoa surda; mulher-cis-lésbica) e Bernardo (43 anos; pessoa surda, homem-cis-hétero), ancora a configuração de mão em E em um importante contexto histórico da homossexualidade no Brasil. A palavra **entendido** foi um código de reconhecimento entre homens homossexuais para se protegerem da repressão social e institucional, especialmente entre as décadas de 1950 e 1980. Autores como James Green (2000) e Don Kulick (1998) explicam que "entendido" funcionava como um marcador de pertencimento em uma comunidade marginalizada. A palavra distinguia homens que desempenhavam papéis sexuais ativos daqueles em papéis passivos (chamados de bichas), refletindo uma lógica sexual que escapava à dicotomia heterossexual/homossexual ocidental.

Durante a Ditadura Militar (1964-1985), essa linguagem cifrada foi crucial para a sobrevivência e articulação de redes de sociabilidade, como aponta João Silvério Trevisan (2018). Na perspectiva de Michel Foucault (1998), o termo ilustra como o poder regula as existências: permitia um reconhecimento velado da homossexualidade, mas sem uma afirmação política plena.

Com o fortalecimento do movimento LGBTQIAPN+ a partir dos anos 1980, termos como gay e homossexual ganharam força, substituindo expressões eufemísticas em um processo de politização da identidade (Simões; França, 2013). Embora não haja provas concretas que liguem o sinal em Libras diretamente ao termo, a hipótese é plausível. Conforme destacam Xavier e Souza (2023), o alfabeto manual e a semântica da língua portuguesa influenciaram historicamente a criação de sinais. Portanto, a conexão com **Entendidos** pode refletir as complexas negociações de identidade e resistência de sujeitos dissidentes em uma sociedade repressiva. Ademais, é revelador que a possível conexão do sinal com esse termo histórico (Entendidos) tenha sido reportada apenas por dois participantes (Jaqueline, 39 anos, e Bernardo, 43 anos), nenhum dos quais se identifica como homem-cis-gays. O fato de a

referência partir de participantes de uma faixa etária mais elevada sugere um marcador geracional.

O segundo sinal reportado (Figura 4) esteve restrito apenas aos participantes que se identificam como homens-cis-gays (Lucas e Carlos), enquanto os demais entrevistados afirmaram empregar exclusivamente a variante apresentada anteriormente (Figura 3).

Figura 4 – Sinal de Gay em Libras II.



Fonte: elaborada pelos autores (2025).

O sinal em questão (Figura 4) incide na soletração manual das letras G+Y, uma abreviação da palavra G-A-Y. Esse processo é conhecido na linguística da Libras como a formação de um sinal soletrado. Conforme descrevem Xavier e Souza (2023), tal fenômeno ocorre quando uma soletração passa por um processo de lexicalização, no qual há a supressão de elementos fonológicos, transformando-a de um mero empréstimo para um item lexical autônomo da Libras.

A preferência por este sinal, segundo os participantes que o utilizam deve-se ao fato de ele ser desprovido de conotações pejorativas. Com efeito, em contraste com os outros sinais analisados, este se distingue por não derivar de discursos homofóbicos ou heteronormativos. A sinal soletrado remete ao termo gay, um empréstimo linguístico amplamente utilizado no português e em outros idiomas.

5 Libras e o discursos de retorno

Os discursos possuem capacidade de agenciar e negociar as relações sociais por meio da circulação e envolvimento de correntes discursivas. Essa dinâmica suscita

posições responsivas que podem ser de confronto, aceitação, concordância ou refutação. Quando pensamos nos movimentos discursivos de opressão, estes também reclamam respostas, podendo estas ser de caráter de convivência, subserviência, resistência etc. Oliveira (2020, p. 82) observa que embora os discursos que nos perpassam produzam forças que tentam nos mover a lugares de subjugação e dominação, “não somos conduzidos de forma passiva, mas, inevitavelmente, buscamos formas de resistir”.

Enquanto autores deste artigo, não configuramos neste momento, como uma resposta deste trabalho, a criação ou proposição de novos sinais em substituição aos aqui identificados, mas foi/é nossa intenção “problematizá-los ou criar inteligibilidade sobre eles, de modo que alternativas para tais contextos de usos da linguagem possam ser vislumbrados” (Moita Lopes, 2006, p. 20). Na esteira desse posicionamento, consideramos relevante mencionar que no decurso da história algumas respostas vêm sendo dadas quanto ao uso de palavras como dispositivos de violência por grupos opressores em línguas orais. Compreendemos que tais respostas também podem ser consideradas no caso dos sinais da Libras. Aqui destacamos dois movimentos de responsividade ativa: o primeiro chamamos de apoderamento e o segundo de substituição.

O apoderamento consiste em confrontar os significados e sentidos opressores, estabilizados e tematizados nas palavras, e instaurando significados e sentidos de resistência. Esse embate, geralmente oriundo de grupos minoritarizados, busca gerar e estabilizar sentidos e significados positivos nas mesmas palavras utilizadas por grupos opressores para inferiorizar e violentar. Na história, temos como exemplos desse processo, palavras como **feminismo**, **negro** e a própria palavra **gay**. Foram palavras que, primeiramente, tiveram significados dominantes de preconceito e inferiorização. Mas que, com o tempo, em decorrência dos embates entre opressores e oprimidos, as respostas dos movimentos sociais incorreram no apoderamento dessas palavras como forma de reafirmação e de resistência.

Atualmente, as palavras feminismo, negro e gay são amplamente utilizadas por movimentos contradiscursivos como forma de identificação. De acordo com Guimarães (2004, p. 38), esse é um movimento em que grupos oprimidos utilizam os “mesmos vocabulários e as mesmas categorias utilizadas para desqualificá-los como forma de reivindicar sua legitimidade ou naturalidade”. Ressaltamos que embora no processo de apoderamento, significados positivos alcancem maior dominância, isso não implica dizer que os significados negativos foram totalmente extintos. Mas que, apesar da ainda existência de significados negativos, os positivos parecem ganhar mais espaços do que os negativos.

O segundo movimento, o da substituição, incide em criar e utilizar outras palavras em substituição àquelas com significados opressores. Citamos como exemplo a palavra homossexualidade em oposição e substituição à palavra homossexualismo. Esta última com conotação homofóbica, concebendo a homossexualidade como uma disfunção patológica por meio do sufixo **ismo**. O sinal soletrado G+Y (Figura 4), identificado nesta pesquisa, emerge como uma materialização contundente desse movimento de substituição no âmbito da Libras. Utilizados preferencialmente pelos participantes homens-cis-gays, este sinal funciona como uma resposta direta ao sinal pejorativo (Figura 3) que carrega discursos homofóbicos. Em vez de se apoderar de um signo já carregado de significados negativos, a comunidade (ou parte dela) opta por criar e legitimar um novo item lexical, desprovido das conotações de **efeminado** ou de alguma gestualidade depreciativa. Trata-se, portanto, de um ato de agência linguística e política, no qual a substituição de um sinal por outro não é apenas uma troca lexical, mas a recusa de uma identidade imposta pelo discurso opressor e a afirmação de uma identidade declarada.

Esses dois movimentos, apoderamento e substituição, compreendemos que integram o que Guimarães (2004) denominou de **discurso de retorno**. A autora salienta que os discursos não são unilaterais, mas que todo discurso opressor provoca um discurso de retorno, “ambos pertencentes a blocos táticos no campo das relações de

forças” (p. 38). Isso coaduna com o que Bakhtin (2011, p. 297) advoga acerca do caráter responsivo de todo enunciado. Segundo ele, todo enunciado “deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo: ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta”. Esse movimento responsivo é intrínseco a todo processo de interação social. O próprio discurso opressor já está prenhe de respostas de outros, sobretudo daqueles a quem oprime.

Esses movimentos de respostas e de retorno acerca do uso de palavras como veículos de produções de discursos LGBTfóbicos podem ocorrer desde o nível do tema até a dimensão da significação. São as relações sociais coletivas que promovem alterações nesses dois níveis, visto que a comunicação social é constituída por sujeitos que estão “socialmente organizados, ou seja, componham uma coletividade” (Volóchinov, 2017, p.97). Todavia, destacamos que para que isso ocorra, é imprescindível que as pessoas tenham consciência acerca das sorrateiras engrenagens de dominação que se alastram historicamente, escondendo-se em dobras discursivas e causando danos imensuráveis e irreparáveis a diversos grupos sociais. É necessário que esses discursos sejam desvelados, denunciados e confrontados.

Consideramos imperioso que os discursos opressores sejam colocados em evidência, para que os processos de reação às formas e aos conteúdos linguísticos, de significados e de sentidos e, sobretudo, de transformações sociais possam ocorrer. Pois, quanto mais “desconhecemos as ideologias dominantes, mais facilmente poderemos ser manipulados por discursos dominantes massificadores, impedindo que o sujeito se questione sobre quem ele é e sobre o seu papel no mundo contemporâneo” (Agra, Ifa, 2017, p. 79). Em contrapartida, o “conhecimento de outros discursos pode capacitar seus conhecedores à resistência, construindo uma outra globalização, que, ao invés de globalizar a hegemonia, abarca a pluralidade e a diversidade” (Tílio, 2013, p. 56).

Entendemos que uma das principais rotas de combate às perversas práticas sociais LGBTfóbicas (mas não apenas estas) é a pesquisa acadêmica. De acordo com Volóchinov (2017), o campo científico situa-se na camada superior¹⁴ de produção e circulação de sentidos, possuindo, conseqüentemente, maior capacidade de provocar alterações nas superestruturas e bases sociais. Enquanto pesquisadores da linguagem, que não passemos por esse campo, “fechando os olhos para toda a dificuldade e obscuridade” (Medviédev, 2019, p. 43) encontrada. As pesquisas na e em torno da linguagem, possuem especial potencial para compreender e provocar transformações em favor de uma vida mais equânime e justa, uma vez que tem como escopo de investigação a base das relações sociais, isto é, a linguagem. A linguagem é o espaço de criação e cocriação do mundo como o conhecemos (Stella; Brait, 2022). Desse modo, para compreendê-lo, é preciso posicionar nosso olhar para as formas de comunicação dos signos ideológicos, pois, “não se vai do objeto à palavra, mas da palavra ao objeto, a palavra cria o objeto” (Volóchinov, 2017, p. 54).

Esperamos que as discussões aqui engendradas possam atuar na direção de contribuir de algum modo para a desconstrução das práticas discursivas opressoras na e por meio das línguas, sejam estas de sinais ou orais. Que possam ser dadas respostas aos sinais-discursos ora identificados, seja por meio do apoderamento, da substituição ou qualquer outra forma de resistência. Mas, que todas as respostas dadas possam promover a diminuição das relações desiguais de poder que estão a favor de projetos necropolíticos¹⁵ sobre a existências daqueles que fogem à norma. A língua “modifica o sujeito, mas o sujeito também modifica a língua” (Nascimento, 2019, p. 25). De acordo com Volóchinov (2017, p. 205), a palavra é o território comum que constitui o indivíduo, uma ponte que se apoia no eu e se estende até o outro, refletindo o ponto de vista da coletividade.

¹⁴ Para aprofundamento acerca dos conceitos de superestrutura, conferir o trabalho de Stella e Brait (2022, p. 64),

¹⁵ Segundo Almeida (2021, p. 01), a necropolítica “se manifesta fundamentalmente por mecanismos de produção sistemática da morte como a guerra, o homicídio e o suicídio”.

6 Considerações e a possibilidade de resposta

A análise dos sinais em Libras para homens-cis-héteros e homens-cis-gays demonstrou que três dos quatro sinais identificados recuperam e dão continuidade a discursos de opressão, sendo apenas uma variante para homens-cis-gay uma exceção. Constatamos em dois sinais da Libras para designar homens-cis-héteros a (re)produção de discurso heteronormativo que desencadeia o discurso homofóbico. Os sentidos (re)produzidos e refratados por esses sinais situam a heterossexualidade num patamar superior, instituindo-a como a norma e o padrão. Por outro lado, os contradiscursos inerentes a tais sinais classificam e subalternizam a não-heterossexualidade como desviante, errante e anormal, uma espécie de “caça às sexualidades periféricas” (Guimarães, 2004, p. 36). Esses sinais atuam como signos ideológicos de dominação, que legitimam e naturalizam práticas de violência contra pessoas não-heterossexuais. Como afirma Mbembe (2014, p. 265), “há palavras que magoam, a capacidade de as palavras ferirem faz parte do seu próprio peso”.

Um dos sinais identificados para homem-cis-gay também aponta para a (re)produção de discursos homofóbicos. As articulações na formação desse sinal fabricam homens-cis-gays como não-homens e/ou homens invertidos, constituídos de características consideradas femininas, porém, num corpo defeituoso e moralmente não aceito. Esse sinal contribui para as perversas formas de opressão contra homossexuais. O discurso da homofobia atua como um dispositivo ideológico de violência, um cruel carrasco “das fronteiras sexuais (hétero/homo) e de gênero (masculino/feminino)” (Borrillo, 2009, p. 18).

Ressaltamos que compreendemos que o uso dos sinais aqui discutidos não implica necessariamente em atos conscientes de preconceitos e violências por parte dos sinalizantes. Entendemos que enquanto sujeitos na e da linguagem, somos envolvidos por correntes de discursos que nos levam a reproduzir determinadas práticas discursivas opressoras. A linguagem “mais do que nos impedir de falar, nos

obriga a dizer utilizando suas formas convencionalizadas” (Dinis, 2011, p. 40). Todavia, também reconhecemos que não somos meros fantoches (Sobral, 2009), incapazes de reagirmos às forças que nos enlaçam, não somos isentos de uma responsabilidade ética. Ao enunciar, assumimos posicionamentos que nos tornam responsáveis por aquilo que (re)produzimos (Bakhtin, 2017). É nodal compreender que embora no nível do tema não tenhamos a intenção de sermos preconceituosos, ao utilizar os sinais aqui apresentados recuperamos, por meio de valores sociais circulantes, os significados heteronormativos e homofóbicos estabilizados no nível da significação (Oliveira; Stella, 2024).

Concluimos este artigo afirmando que não foi/é nossa pretensão exaurir as questões aqui aventadas. Pelo contrário, esperamos e afirmamos que outras pesquisas sejam sedimentadas nessa direção, com vistas a assumir nossa responsabilidade humana de respeito e valorização das diversas formas de pluralidades e alteridades. Que possamos ter em mente que a linguagem “possibilita a construção do mundo social e é condição para que ela exista” (Moita Lopes, 2006, p. 331). É preciso lembrar que a língua “têm cor, gênero, etnia, orientação e classe porque funcionam como lugares de desenhar projetos de poder” (Nascimento, 2019, p. 20) e que ela é um “lugar de muitas dores para muitos de nós” (Nascimento, 2019, p. 22).

Referências

AGRA, C. B.; IFA, S. Reflexões sobre relações de poder e colonialidade em contextos de ensino-aprendizagem de língua portuguesa no EFI público. **Revista de Linguagem, Educação e Literatura**, v. 9, n. 4, p. 77-97, dez. 2017. Dossiê Ensino e Formação de Professores de Línguas Estrangeiras para Crianças. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/6753>.

BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. (Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra; Notas da edição russa Serguei Botcharov). São Paulo: Editora 34, 2016

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BOENAVIDES, D. L. P. Resignificar e resistir: a Marcha das Vadias e a apropriação da denominação opressora. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 2, e57950, 2019. DOI <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n257950>

BORRILLO, D. **A homofobia**. Tradução de Cleyton Andrade e Wanderley Martins. Maceió: Letras Livres, 2009. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01242485/document>.

BRAIT, B. **Dialogismo e polifonia em Mikhail Bakhtin e o Círculo (dez obras fundamentais)**. In: Guia bibliográfico da FFLCH. São Paulo: FFLCH/USP, 2016.

BUBNOVA, T. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 268-280, ago./dez. 2011. DOI <https://doi.org/10.1590/S2176-45732011000200016>

BUTLER, J.; GAMBETTI, Z.; SABSAY, L. **Vulnerability in Resistance**. Nova York: Duke University Press, 2016. DOI <https://doi.org/10.2307/j.ctv11vc78r>

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, J. Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault. In: BENHABIB, S.; CORNELL, D. (org.). **Feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1987.

CAETANO, M. **Gênero e sexualidade: um encontro político com as epistemologias de vida e os movimentos curriculares**. 2011. 228 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2011.

CARNEIRO, M. O homem viril desvelado: representações de masculinidade na arte funerária paulistana. **Revista M - Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 214-258, jan./jun. 2017. DOI <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2017.v2i3.214-258>.

CAZELATTO, C. E. C.; CARDIN, V. S. G. O discurso de ódio homofóbico no Brasil: um Instrumento limitador da sexualidade humana. **Revista Jurídica Cesumar** -

Mestrado, Maringá, v. 16, n. 3, p. 919-938, set./dez. 2016. DOI <http://dx.doi.org/10.17765/2176-9184.2016v16n3p919-938>

COSTA, A. B. **Preconceito contra orientações não-heterossexuais no Brasil**: critérios para avaliação. Porto Alegre: [s.n.], 2012.

DE JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. 2. ed. Brasília, 2018.

DINIS, N. F. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 39, p. 39-50, jan./abr. 2011. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-40602011000100004>

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães (org.). Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II**: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. v. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GREEN, J. N. **Além do Carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

GUIMARÃES, C. D. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. 117 p.

KULICK, D. **Travesti**: Sex, Gender, and Culture among Brazilian Transgendered Prostitutes. Chicago: University of Chicago Press, 1998. DOI <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226461014.001.0001>

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MEDVIÉDEV, P. N. (Círculo de Bakhtin). **O método formal nos estudos literários**: Introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2019.

MENDES, A. C. C.; RIBEIRO, L. P. Nomeações e significações da homossexualidade masculina: um ensaio sobre homofobia pela ótica da Teoria das Representações Sociais. **Revista Memore**, Tubarão, v. 8, n. 1, p. 128-150, jan./jun. 2021. DOI <https://doi.org/10.19177/memore.v1e12021247-264>

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes. 2016.

MOITA LOPES, L. P. da. Uma Linguística Aplicada Mestiça e Ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, L. P. da (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 13-42.

NASCIMENTO, G. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

OLIVEIRA, C. A. M. de. **O eu no enunciado do outro: a voz do intérprete durante o ato interpretativo do par linguístico Libras/Português**. 2020. 154 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/6751>.

OLIVEIRA, C. A. M. de.; STELLA, P. R. A cor do sinal: circulação de discursos racistas em sinais da Libras. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 63, n. 3, p. 508–525, 2024. DOI <https://doi.org/10.1590/01031813v63320248676265>

OLIVEIRA, C. A. M. de; SANTOS, F. R.; IFA, S. Quem pode falar nas salas inclusivas de surdos e ouvintes?: reflexões e considerações. **Humanidades & Inovação**, v. 8, p. 82-91, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/5447>.

OLIVEIRA, D. A. Discursos Heteronormativos e Produção de Sujeitos Generificados no Currículo Escolar. **Margens - Revista Interdisciplinar**, Belém, v. 11, n. 17, p. 92-107, dez. 2017. Dossiê: Corpo, Gênero e Sexualidade. DOI <https://doi.org/10.18542/rmi.v11i17.5436>

REIS, C. R. da S.; TEIXEIRA, S. A.; MENDES, B. G. Heteronormatividade: implicações Psicossociais Para Sujeitos Não-Heteronormativos. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, Sete Lagoas, v. 5, n. 3, 2017. Disponível em: <http://jornalold.faculadecienciasdavidacom.br/index.php/RBCV/article/view/292>.

SANTOS, F. R.; OLIVEIRA, C. A. M. de; IFA, S. Adaptação/Apagamento: reflexões e provocações sobre a língua brasileira de sinais. **Tabuleiro de Letras**, v. 15, p. 18-28, 2021. DOI <https://doi.org/10.35499/tl.v15i1.11348>

SERODIO, L. A.; PRADO, G. do V. T. A narrativa de pesquisa em educação na perspectiva do gênero do discurso. In: PRADO, G. do V. T. (org.). **Metodologia narrativa de pesquisa em educação: uma perspectiva bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

SEVERO, C. G. Política(s) Linguística(s) e Questões de Poder. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 451-473, 2013. DOI <https://doi.org/10.1590/S1981-57942013000200006>

SIMÕES, J. A.; FRANÇA, I. L. **Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil**. Brasília: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013.

SOBRAL, A. **Dizer o mesmo aos outros**: ensaios sobre tradução. São Paulo: Special Book, 2009.

STELLA, P. R.; BRAIT, B. Contexto como espaço de criação e cocriação: um olhar sobre obras de Bakhtin e o Círculo. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 58–88, 2022. DOI <https://doi.org/10.1590/2176-4573p54384>

TÍLIO, R. Linguística (aplicada), contemporaneidade e materiais didáticos: diálogos. In: SANTOS, L. I. S.; SILVA, K. A. da (org.). **Linguagem, Ciência e Ensino**: desafios regionais e globais. Campinas: Pontes Editores, 2013. p. 57-76.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 5. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VOLÓCHINOV, V. N. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. [1929]. Tradução, notas e Glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio Introdutório: Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

XAVIER, A.; SOUZA, C. B. de. O alfabeto manual como recurso para a incorporação de elementos do português na formação de sinais em libras. **Cadernos do IL**, [S. l.], n. 65, p. 296–328, 2023. DOI <https://doi.org/10.22456/2236-6385.129250>